

Resenha

***Inner Workings: Essays 2000 – 2005*, de J. M. Coetzee**
Mecanismos Internos: Ensaios 2000-2005, de J. M. Coetzee

Antônio Xerxenesky
 UFRGS
 Brasil

Inner workings (*Mecanismos Internos*, Companhia das Letras), a mais recente coleção de ensaios publicada por J.M. Coetzee, é sua primeira publicação de não-ficção após ter ganhado o Prêmio Nobel em 2003. O livro apresenta uma relação direta de continuidade em relação ao livro de ensaios anterior, *Stranger shores*. Tanto *Inner workings* como *Stranger shores* se anunciam como ensaios sobre literatura, e ambos compilam e organizam artigos publicados originalmente na prestigiosa New York Review of Books. *Stranger shores* abrange o período de 1986 a 1999, época durante a qual o escritor sul-africano construiu sua reputação, enquanto *Inner workings* abrange um período muito menor, mas igualmente prolífico, que corresponde à fase mais “madura”, na qual Coetzee já é um nome reconhecidíssimo no cenário literário internacional.

Faz-se mister contrastar este último volume de ensaios com um de seus primeiros, *Doubling the point* (1992), que alterna entrevistas realizadas por David Atwell e ensaios da lavra de Coetzee. Em *Doubling the point*, talvez por ser uma coletânea coordenada e organizada por um acadêmico, orbita por temas mais complexos e herméticos, e o escritor sul-africano não faz um só esforço para aliviá-los ou torná-los mais palatáveis. Referências a Foucault e Derrida abundam em *Doubling the point*, assim como análises lingüísticas profundas nos ensaios, como é o caso da investigação acerca da narração do tempo em *The burrow*, de Franz Kafka, na qual Coetzee oferece um olhar cuidadoso sobre os tempos verbais na língua alemã. Em resumo, pode-se dizer que *Inner workings* nada tem em comum com *Doubling the point*.

222

*Inner Workings:
 Essays 2000 –
 2005, de J. M.
 Coetzee*

Antônio
 Xerxenesky

Cada capítulo/ensaio de *Inner workings* é dedicado a um autor diferente, e são, no total, vinte e um autores, organizados geograficamente. Como aponta a introdução de Derek Attridge, os sete primeiros são autores europeus que tiveram sua carreira concentrada na primeira metade do século XX. Depois, temos quatro autores europeus do pós-guerra. Na segunda metade do livro, Coetzee investiga ficcionistas de língua inglesa, e a coleção se encerra com autores de fora das metrópoles: Gordimer, García Márquez e Naipaul. É curioso observar que, dentre os vinte e um autores escolhidos por Coetzee, temos apenas uma mulher, a vencedora do Nobel Nadine Gordimer.

Como foi dito antes, os ensaios de *Inner workings* nada têm em comum com as análises semi-acadêmicas de *Doubling the point*. No texto acerca do escritor suíço Robert Walser, por exemplo, a abordagem é francamente biografista. Apesar de Coetzee ser sagaz o bastante para não tentar explicar a obra do autor através da vida dele, não resiste a analisar sua vida como se Walser (e quase todos os outros autores comentados no livro) fosse um personagem de ficção. Até mesmo para falar de Walter Benjamin, em um dos ensaios no qual Coetzee menos teme o academicismo e a discussão filosófica, sua obra é filtrada pela vida de Benjamin. É uma estratégia muito próxima àquela empreendida pelo aclamado escritor espanhol Javier Marías no livro de ensaios *Vidas escritas* (1992).

O ensaio de Coetzee sobre Walser, que discorre sobre os motivos que o levaram, por exemplo, a escrever a mão, numa caligrafia minúscula, serve de complemento interessantíssimo para o ensaio que W.G. Sebald escreveu sobre o mesmo autor e que foi recentemente traduzido para o português na *Revista Serrote* #5, publicação do Instituto Moreira Salles. Enquanto Sebald é mais “pessoal” ao falar de Walser, relacionando fotos do suíço com lembranças de um familiar, Coetzee desaparece como narrador do ensaio, adotando uma postura um tanto impessoal, como acontece com boa parte de seus narradores em terceira pessoa na obra ficcional. Ainda assim, Coetzee não esconde o tom de admiração com o qual enxerga a vida e obra de Robert Walser, a simplicidade de sua linguagem, o seu “elogio” da pequenez (“to be small and to stay small”, frase-chave de *Jakob Von Gunten*). O ensaio conclui com uma pergunta: seria Walser um grande escritor? Coetzee sempre preocupou-se com a questão do clássico e do “grande” (ver o ensaio *What is a classic?*, coletado em *Stranger shores*), e a saída que

busca, no comentário de Canetti, é uma boa solução: se hesitamos em chamar Walser de um grande escritor, é porque nada é mais estranho a ele do que o conceito de grandeza.

Interessante acerca deste ensaio, também, é que ele confirma algo que pode ter cruzado a cabeça de muitos leitores da prosa ficcional de Coetzee: seria o autor sul-africano um leitor de Walser? Teriam seus personagens “de baixa voltagem” (como o narrador de *Summertime* se define), tímidos, nada propensos a grandes emoções e grandes feitos, uma inspiração em Jakob de *Jakob von Gunten*? Por mais que o conceito de “influência” tenha sido criticado e esteja fora de moda, é interessante saber “quem Coetzee leu” e como ele leu cada um desses autores. Nesse sentido, *Inner workings*, ao oferecer um registro de leituras de Coetzee, nos permite **localizar alguns dos roteiros** da geografia literária que a mente do autor **visitou, e que provocaram ecos**, reflexos e diálogos na sua prosa. O fato de que o ensaio sobre Robert Musil foi escrito em 2001, por exemplo, nos faz pensar que o autor alemão de *O homem sem qualidades* estava muito presente para Coetzee durante a escrita de *Slow man* (2005), romance que apresenta alguns jogos intertextuais com o escritor austríaco.

O afã biografista da coletânea talvez tenha seu ápice no ensaio *William Faulkner and his biographers*. J. M. Coetzee parte de uma pergunta interessantíssima, a de como Faulkner, um sujeito que não era extremamente letrado nem tinha muitos amigos literatos, se tornou não apenas um escritor, mas um escritor de vanguarda, que revolucionou os modos de narrar uma história. A resposta que Coetzee tenta dar a esta pergunta tem bases muito sólidas: ele expõe resumos das duas volumosas biografias publicadas sobre Faulkner, suas diferenças conceituais e tenta buscar um meio-termo onde se situar. Nosso acesso a Faulkner, então, passa por várias instâncias: os “leitores” de sua vida “lidos” por Coetzee e Coetzee lendo e pensando Faulkner, situado há anos de distância.

O resultado, por mais interessante que seja, sinaliza também uma falha constante na coletânea *Inner workings*. Em todos os ensaios, J.M. Coetzee demonstra ser um leitor voraz, que conhece todas as obras de diversos autores e boa parte de suas fortunas críticas. Por mais positivo que tal seriedade ensaística possa parecer, também é o problema dos artigos do sul-africano, pois ele depende demais da visão de outros. Os ensaios de *Inner workings* estão forrados de citações de outros acerca dos autores

analisados e, muitas vezes, faz falta uma visão mais contundente por parte do próprio Coetzee, especialmente na primeira metade do volume.

É necessário destacar mais um detalhe estilístico acerca desses ensaios, uma vez que Coetzee, talvez graças à sua experiência como ficcionista, tem um cuidado extremo com a forma, até para escrever não-ficção. Muitas vezes, quiçá para interessar o leitor não-familiarizado com a obra do autor que é assunto de determinado ensaio, narra outra vez passagens fundamentais dos livros. Ele não o faz através da citação direta, mas sim narrando pela sua própria voz. Basta observar, por exemplo, a introdução do ensaio sobre Italo Svevo: “A man – a very big man beside whom you feel very small – invites you to meet his daughters with an eye to choosing one to marry”. No segundo parágrafo descobrimos que o primeiro era uma cena extraída de *A consciência de Zeno*, recontada pelas palavras de Coetzee. *Inner workings* torna-se interessante, então, por nos permitir, leitores, compreender um pouco como funciona o Coetzee-leitor¹. Lemos os romances pelos olhos dele, focalizando os detalhes que Coetzee insiste em ressaltar. Trata-se de uma estratégia profundamente didática, que consiste em apresentar o objeto antes de interpretá-lo. Uma característica, talvez, do Coetzee dos anos 2000, um escritor já reconhecido e premiado, que já tem uma base de leitores ampla e diversa.

225

*Inner Workings:
Essays 2000 –
2005, de J. M.
Coetzee*

Antônio
Xerxesky

¹ Uma estratégia diferente, mas com algo em comum, aparece no ensaio acerca da *Sonata Kreutzer*, de Tolstói, em *Doubling the Point*. Neste, Coetzee reconta a novela de Tolstói usando trechos do próprio livro, recortados e selecionados por ele.